

Yasmin Karinne Bonfim



RelevO

PARANÁ | AGOSTO DE 2014 | EDIÇÃO XIV | ANO IV

EDITORIAL

Eis que chega a última edição do ano 4 do RelevO. A partir de setembro começa uma nova etapa em nosso periódico, com novos voos gráficos e pretensão organizacional maior.

Estas 14 edições da temporada apontaram para uma nova distribuição de conteúdo, mais arejada, e para os velhos problemas e vícios que temos na captação de recursos financeira e na esfera logística: enlouquecemos boa parcela de nossos assinantes com atrasos, tivemos um mês em que circulamos com a edição após o dia 20 e ainda somos precários em nossa autodivulgação.

Isto tudo vai melhorar. A aproximação de novos parceiros - em breve, mais informações - trará, certamente, uma maior profissionalização de nossos processos: precisamos, mesmo, de uma melhor integração entre o online e o impresso, ampliar nossa distribuição e melhorar o diálogo com os leitores - tema muito bem dissecado por nosso ombudsman estreado, Whisner Fraga, nas páginas 3 e 4 deste número.

Foi, sim, uma temporada de altos e baixos. Ao trazer um ouvidor-geral, percebemos o quão importante é uma análise externa de nossos métodos. As notas do editor nem sempre se cumpriram, mas estão lá, para que o leitor saiba que algo (não) está sendo feito. O serviço de Erratas também deixou o jornal com um ar mais plural, apesar das vergonhas mensais que o espaço promove à equipe envolvida.

Ainda carecemos de muitas coisas, mas acredite: somos um impresso com o intuito de testar caminhos que justifiquem ainda sermos um impresso, aquele tipo de coisa que todo mês vai à gráfica, suja nossas roupas e chega, enfim, até as suas mãos. Mais um mês.

Permanecemos em nossa vigília interna e externa.

Boa leitura a todos.

E obrigado pela companhia.

EXPEDIENTE

Fundado em Setembro de 2010

Editor: Daniel Zanella

Editor-Assistente: Ricardo Pozzo

Revisão: Mateus Ribeyre

Ombudsman: Whisner Fraga

Projeto gráfico: Iara Amaral

Impressão: Gráfica Exceuni

Tiragem: 3000

Edição finalizada em: 8 de agosto

CONTATO

twitter.com/jornalrelevo

Facebook: Jornal Relevo

jornalrelevo@gmail.com

Edições anteriores:

issuu.com/jornalrelevo

CAPA

Yasmin Karinne Bonfim

é artista e ilustradora gente finíssima!

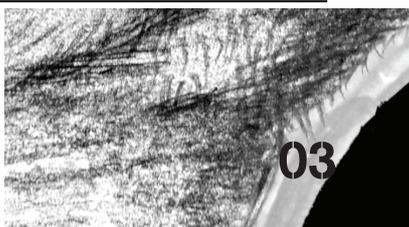
ERRATAS



Na página 13, simplesmente o poema A Morte do Eu, de Ricardo Pozzo, não se chama A Morte do Eu, e sim Notas para um Tractatus Lógico-Teológico em construção:

Na 19, o poema de Eivaldo Ferreira dos Santos não era dele, e sim de Cristiano Castilho. Nesta edição, o poema correto. Gente.

Ombudsman
Whisner Fraga



Amanda Bacilla 06

Maximilian Rox e
Eivaldo F. dos Santos

07

Denise Bottmann



10¹¹

Janaina Moraes 15

Rui W. de Capistrano 18¹⁹

Ademir Demarchi 23

Jaques Brand entrevista
Adriano Smaniotto

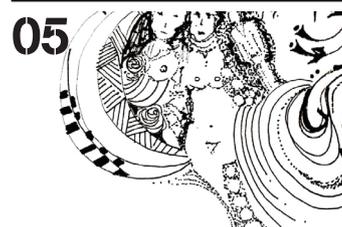


26^{27 28 29}

Daniel Osiecki 31

Priscila Merizzio 32

Daniel Zanella



08 Bruna Motta

09 Mariela Mei

13 e 14 Luiz Eduardo Soares

12

Rodrigo Madeira



17 16

21 22

20 Flávia Schiochet

Yuri Al' Hanati



25 24

PRESTAÇÃO DE CONTAS DE JULHO DE 2014

ANUNCIANTES

R\$ 50 (FISK)
R\$ 50 (MARCIO RENATO DOS SANTOS)
R\$ 50 (PÃO & VINHO)
R\$ 50 (ÁGUA NA BOCA)
R\$ 50 (AVON)
R\$ 50 (CALCEAKI)
R\$ 150 (DEFENESTRANDO)
R\$ 50 (JOAQUIM LIVRARIA)
R\$ 100 (TODA LETRA)
R\$ 100 (ALLEJO)
R\$ 50 (POETRIA)
R\$ 50 (MYLLE SILVA)
R\$ 50 (EDITORA PATUÁ)

R\$ 850

CORREIOS: R\$ 350
DISTRIBUIÇÃO: R\$ 80
PAPELARIA: R\$ 70
IMPRESSÃO: R\$ 1090
CUSTO TOTAL: R\$ 1590

ASSINANTES

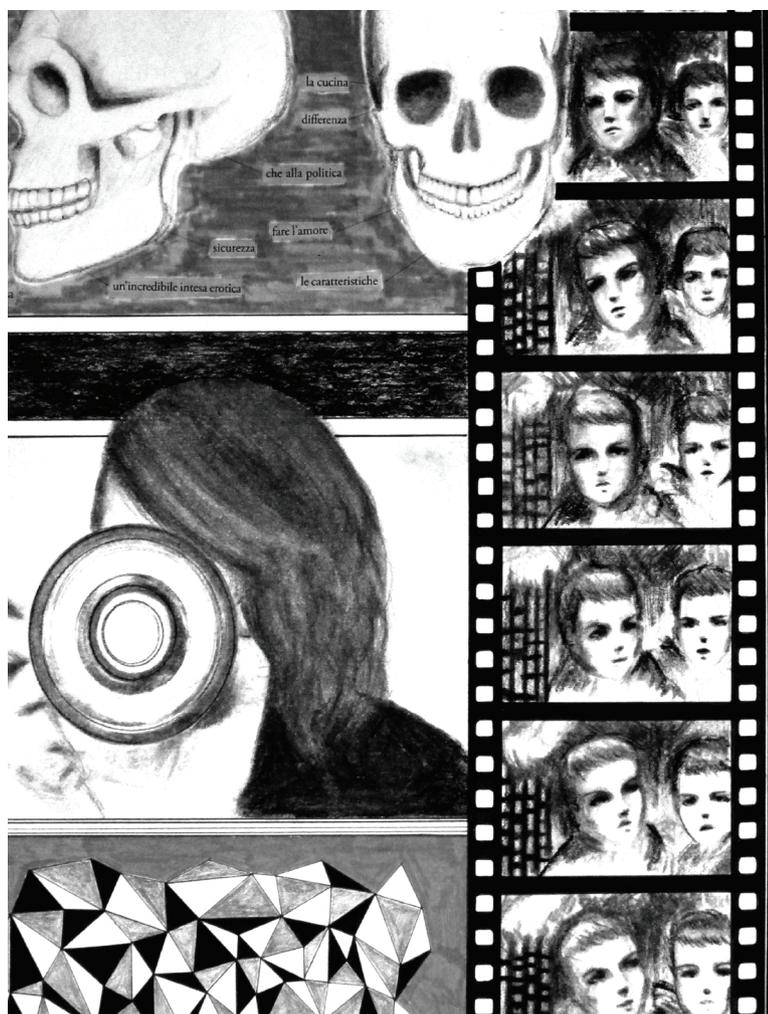
R\$ 50 (FERNANDO GRILO)
R\$ 50 (VINICIUS FERREIRA)
R\$ 50 (JOSETTE GARCIA)
R\$ 50 (MAGNO VAN ERVEN)
R\$ 50 (BRUNO BRUGNOLO)
R\$ 50 (ALEXANDRE GUARNIERI)
R\$ 50 (ADRIANO SMANIOTTO)
R\$ 50 (JULIA NASCIMENTO)
R\$ 50 (AMAURI KUCZKOWSKI)
R\$ 50 (LORENA MARCHAND)
R\$ 50 (ALEX DE CASSIO)
R\$ 50 (DM GARBOSA)
R\$ 50 (CILENE TANAKA)

R\$ 650

Total: R\$ 1590

Balanco: R\$ - 90

WHISNER FRAGA
OMBUDSMAN



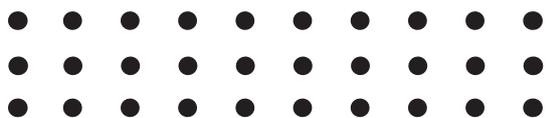
Karen Matias

QUAL É O MEU PAPEL?

Você, leitor, em uma pesquisa básica, poderá constatar que o papel principal de um ombudsman é justamente defender seus direitos. Pensando em um jornal literário, há que se reinterpretar essa função. Qual seria meu papel? Como escrever um texto com a intenção de assegurar a você, leitor, uma publicação de qualidade? Sim, porque não existe lógica ao se falar de isenção, de imparcialidade, quando o suporte é a ficção e a poesia. É evidente que até os critérios de qualidade acabam se tornando frágeis se tratamos de obras de arte.

Ao mesmo tempo, não podia descambar para a minha zona de sossego, que é a crítica. Não é objetivo deste ombudsman confeccionar qualquer tipo de estudo sobre a qualidade literária ou os méritos do que é publicado neste jornal. Todavia, não há como fugir inteiramente ao tema. Então, a pergunta mais óbvia é: como os textos publicados são selecionados? A julgar pelo expediente, há um pequeno conselho editorial, formado por alguns idealistas, que acreditam que nosso país necessita de cultura. Não é pouco. Entretanto, penso que, com quatro anos de existência, está na hora do segundo salto.

Assim, é urgente que se pense em um conselho editorial mais amplo e heterogêneo, para que o jornal cumpra outro papel importante: o de descobrir novos talentos. Há uma temerária alternância no padrão dos textos publicados, o que não é bom para o leitor. É necessário que se proponha alguma saída para tal desafio. Que tal pedir aos assinantes que ajudem na seleção? Imagino que um concurso literário ajude não só com o aprimoramento das crônicas, contos, poesias e outras narrativas publicadas, como também com a publicidade. O **RelevO** precisa chegar até mais pessoas interessadas em literatura.



A partir do inevitável destino de crescer, é necessário pensar o verdadeiro objetivo da publicação. A meu ver está claro que o periódico quer investir em ficção e em poesia. Ao se dedicar à literatura, dá mais espaço a revelações, o que é fantástico. Os medalhões que vira e mexe aparecem nas páginas servem de atrativo ao leitor. Ótimo. A ressalva fica por conta da arte visual. Neste sentido, está servindo apenas de moldura para a palavra, o que talvez precise ser mudado.

Vinha trabalhando nesta estreia quando descobri que me faltavam dados: o que o leitor deste jornal pensa? O que o **Relevo** publica, de fato? Ataquei inicialmente a segunda questão, tratando de ler todas as páginas do periódico, publicadas desde outubro do ano passado. Assim fiz. A primeira pergunta enviei ao editor, que me respondeu prontamente com algumas indicações. Posso, portanto, continuar a dissertar sobre as necessidades dos leitores.

Sobre as minhas leituras, posso defender que a diagramação tem avançado. As páginas limpas nos permitem uma leitura sem traumas. Sugiro, entretanto, que se aumente o número de artes visuais e que, como já foi escrito, se repense o papel deles no periódico. Às vezes se torna um pouco cansativo encontrar o mesmo traço, página após página. A fotografia, por exemplo, é pouco explorada pelo jornal. Nem preciso dizer que há muita gente de talento por aí e não é difícil encontrá-las. Mesmo quando um poeta engasga com os versos ou um contista tropeça em lugares-comuns, é possível encontrar alguma arte em aquarelas, em desenhos.

Fica a recomendação.

Outro ponto positivo é a prestação de contas apresentada logo no início, em todos os números. Neste sentido, também é necessário construir o segundo passo. O jornal precisa crescer e, para tanto, deve buscar mais assinantes, mais patrocinadores. É muito interessante perceber que existem algumas propagandas de livros no periódico, acho mesmo que os autores deveriam abusar desse expediente. Assim, seria igualmente importante o apoio de editoras – as independentes, principalmente, que vêm ganhando espaço no Brasil, pela qualidade de suas publicações.

Espero poder começar um debate sobre o papel de um ombudsman em um jornal independente. Assim, gostaria de estar mais próximo do leitor, para construirmos alternativas para que o **Relevo** avance e ganhe cada vez mais importância no cenário da cultura brasileira, tão carente de publicações. Peço aos colaboradores, editores e leitores, que me enviem mensagens, para que comecemos a discussão a respeito deste jornal. Deixo meu e-mail: wf@whisnerfraga.com.br. Muito obrigado aos editores, pelo convite. E, querido leitor, espero que eu não o decepcione nestes meses em que estarei desempenhando esse trabalho de ouvidor-geral.

Nota do editor:

A partir de setembro estaremos um novo projeto gráfico com o intuito de aprofundar as relações entre palavra e imagem.

De fato, está mais do que na hora de transparecer os critérios de seleção de textos e envolver leitores e nossos assinantes no processo. A próxima reunião do conselho editorial tratará de como colocar isso em prática, assim como as demais sugestões, imprescindíveis para o futuro e crescimento do periódico.

Daniel Zanella



Karen Marias

NOTAS SOBRE UMA COISA E OUTRA

1 – Estávamos ali, na cama, buscando formas para não deixar que o frio se alastresse entre as cobertas. Então ela disse: “Não há nada que emocionalmente possa ser descoberto em você”. Apesar de possivelmente rude, considerei bonito, pois ela não criou intencionalmente a analogia entre as cobertas e as descobertas. Foi algo que ocorreu e me deixou pensativo, apesar dela continuar falando e eu não ouvir. Sorri para o lado. Em matéria de amor, nunca fui exigente.

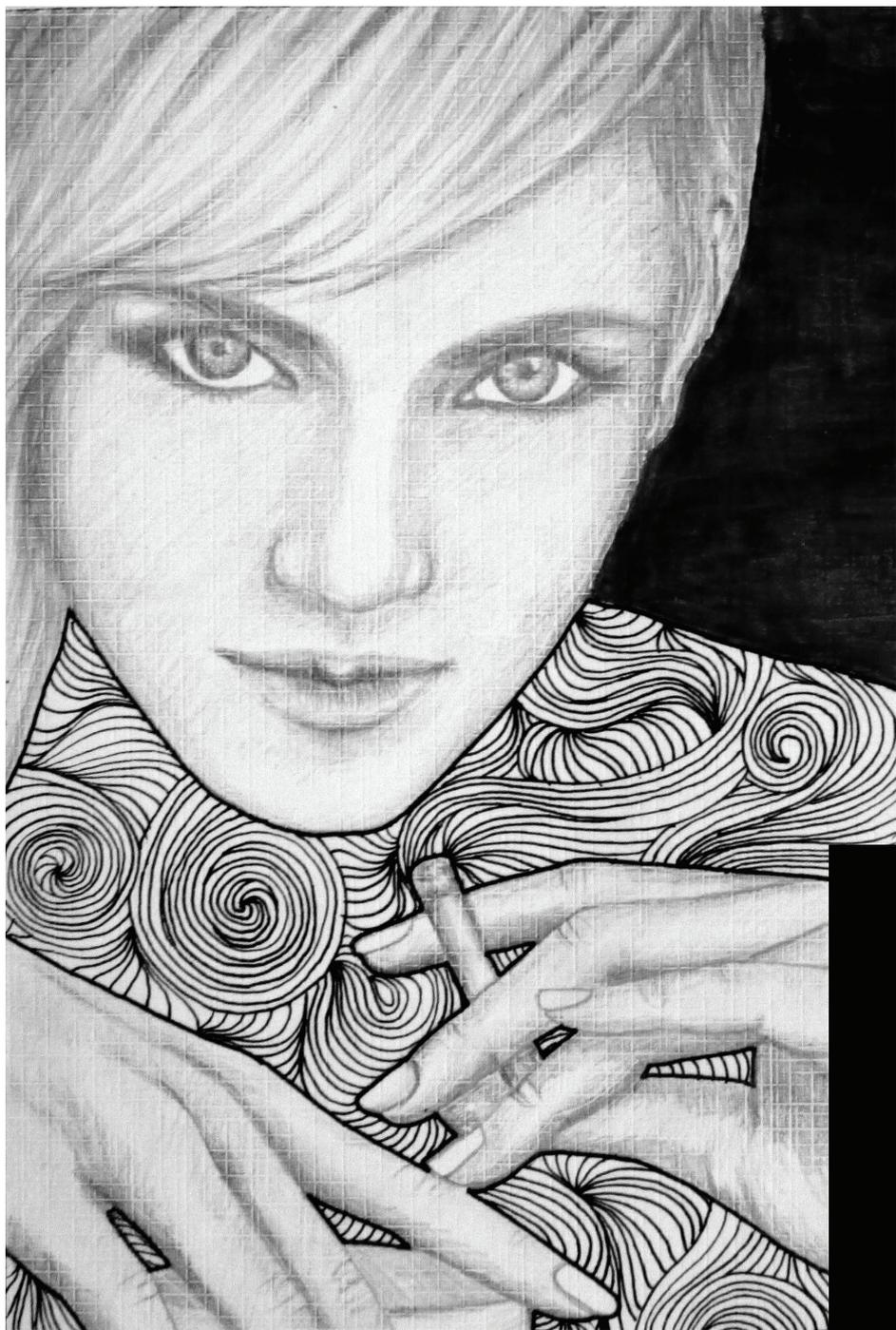
2 – Ontem, ao tomar café na panificadora aqui ao lado de casa, um casal discutia a importância da fidelidade carnal em termos poucos lisonjeiros, o que sempre dá um certo prazer ao ouvinte disfarçado. Pareceu-me que o rapaz tinha se empolgado com as curvas da atendente, uma dessas mulatas de desabar o dia mesmo. Enquanto isso, a menininha tentava formar um castelo com os sachês de açúcar da mesa.

3 – Sentamos no sofá e as estatísticas nunca falham: tínhamos bebido quase três encarnações. Então, a moça beijou a amiga, eu beijei a outra amiga, a moça me beijou, a outra amiga beijou a amiga e me beijou também. Mas não é sobre isso que quero te falar: Ariano Suassuna não gostava do Mangubeat e isso nunca me souu inteligente.

4 – Se você pudesse escolher entre nascer uma pedra ou nascer um rio, o que você escolheria?, pergunta o menino ao pai na fila para pagar o chineque que comeram – eis uma palavra que sempre me soou mal. A conta deles deu 4,50. A minha deu 6,50 porque, além do café, sempre pego pão de minuto, que, ao contrário, é uma expressão que comove, como se o alimento tivesse em sua essência um artefato que nos prega ao momento, assim como o amor e o segundo anterior à morte. Gosto dessa panificadora.

5 – No filme *Procurando Amy*, uma das personagens é questionada sobre sua orientação sexual – ou o que isso venha a dizer. Ao menos, é o que rememoro, posso até estar inventando. Ela tergiversa e responde: Minha opção é a felicidade. O filme é de médio para baixo, mas a sentença sempre me marcou. Porque, enfim, sou composto de um sedimento de clichês e livros que não entendi. Minha opção é a sua companhia, meu amor.

Amanda Bacilla



Karen Matias

DA VIDA DOS OUTROS

Não tem peita que aguente. Não tem puta que consiga foder depois dessa. Deu ar, enlouqueceu. Parou em frente à loja e morreu. Morreu aos poucos chamando a atenção de quem estava passando. Crianças se assustaram ao ver desmoronar o grande homem que era.

Dois metros de altura garantiram sua majestade, mesmo morto na calçada de pedras. Brincou de rei em meio ao ferro que escorria da cabeça. Ninguém chorou. Ninguém velou o morto redentor.

Andava pelas ruas quando viu a moça passar. Pele negra e cabelo curto, feição de menino sapeca que toma banho de cinco minutos.

Olhos tão grandes que era constrangedor olhar por muito tempo. Olhar, que se demonstrasse, era quase um estupro.

Agarrou as próprias mãos como se segurasse o sentimento. Entrelaçou os dedos e olhou com afeição. Tinha as mãos bonitas, dedos longos e brancos que encaixariam perfeitamente na pele preta.

Namorou ali, sozinho, a moça que passava. Quando já não podia mais reparar sua boca olhou a bunda. Que bunda. A roupa larga não lhe censurou a imagem perfeita do corpo nu.

Ela passou em paz, caminhar lento sem grande encanto, mas cruzou o caminho do homem errado. Cruzou o caminho do rei, que de tão grande evitou cruzar o olhar com o dela. Era demais pra ela aquele olhar.

Fez o sinal da cruz e saiu de vista. Sumiu, desapareceu da rua. Sem saber se era real, ele caminhou até certo ponto, mas não viu mais a negra. Dez anos depois morreu. Na rua, para quem quisesse ver. Não se sabe o motivo, mas aquela preta tinha a ver com isso.

Maximilian Rox

O GRANDE DIA

A igreja transpirava sussurros e suspiros enquanto os segundos pareciam os mais insolúveis possíveis à espera da noiva. Ele a amava, mas aguardar a sua passagem pela porta era algo que martelava a mente em uma frequência atordoante. Cada transpiração remexia a corrente elétrica que o incomodava sem fim – um convite mudo e ansioso para a catarse pelo amor. Um filme que se congelou por horas no instante da resposta.

Como se ouvissem as súplicas ao silêncio, as trombetas iniciaram a marcha; e a tensão, outrora onipresente, se esvaziou como a brasa ao furacão. O passo lento, acompanhado pelo glorioso vestido, tomou as notas musicais para si e construiu a própria valsa. A dama sorriu; sorriu com graça pelo momento que tanto havia sonhado, inundando aqueles que acompanhavam a dança com o brilho da sua chegada. Mas o mais belo sorriso não mirou em seus olhos, e passou reto pelo canto mais escuro em que estava.

Foi-se o tempo das lamentações; o infeliz desceu as escadas da igreja enquanto acendia um cigarro. Lançou um último olhar para trás – bem a tempo das portas se fecharem com um baque tão surdo como seu passado.

Edivaldo Ferreira dos Santos

UM LIVRO DE POESIA NA GAVETA NÃO ADIANTA NADA

Tem esses papéis na gaveta
que você nunca vai ler
que eu até me esforcei pra fazer uma caligrafia
bonita
com arroubos de anarquia e poesia
e aí eu ficaria esperando ansioso pela carta que
você me enviaria
em resposta a essas cartas em que despejei
todo meu sentimento
e a boa parte da minha alma
O papel todo surrado...
Agora ando por aí
com a parte ruim da minha alma
ela segue roubando uns tragos do meu whisky
arruinando minhas jogadas no bilhar
estourando as cordas do meu violão
riscando meus discos com cacos de vidro
das garrafas esquecidas perto do sofá
e todo o resto lá trancafiado na gaveta
entre as cartas que eu nunca vou te enviar
não sei teu endereço
pra falar a verdade
eu mal te conheço

Bruna Motta

Ando meio, não inteiro
Cadê o resto de mim?

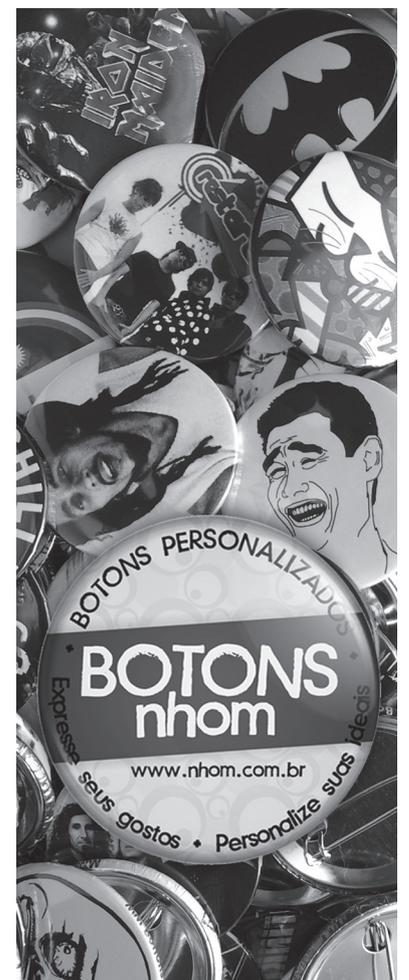
Sei que perdi algumas partes por aí
Então pedi ajuda para me encontrarem
E todo mundo riu

Disseram que eu já estava ali
Dessa vez fui eu quem ri

Eles não sabiam de nada
Como voar? Como nadar ou deixar fluir
Com os pés tão presos na terra?

E eu que não me aguento
Saio deixando partes de mim pelo vento
Me disperso pelas águas dos rios

Fico mais um pouco e me despeço
Desse mundo tão pequeno
Pronta para me despedaçar.



Mariela Mei



CONFISSÃO DE PULSO

Poema integrante de fluxo-verso (Oitava Rima Editora, 2014)

preciso transfundir meus zelos
pela inocente paixão dos ouvidos seus
em pouso macio sobre o pranto
a fim de inocentar-me – apelo.

já não sou ave pulsante
e o voo de minhas emoções
estampa a sua retina torpe
implora e eu, menestrel, findo.

preciso recostar as ideias
no fundo deste peito errante
que tolo e vivo pulsa pelos versos
a esgotar-se em sopro de noite quente.

pois surgi e morri tantas vezes
que a vida é consumo austero
sou sementeira fracassada agora
e o que me salva são seus dedos.

Karen Matias

PRISCILA MERIZZIO

MINIMOABISMO

"Um dos segredos da poesia de Priscila Merizzio é que os peixes respiram, sim, fora d'água; os peixes que se sentem maiores do que o oceano, assim como às vezes o corpo parece maior do que sua existência pode suportar"

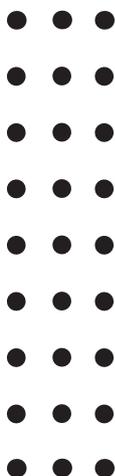
– Contador Borges, no posfácio de

Minimoabismo, livro de poemas de estreia de Priscila Merizzio



PATUA
EDITORA
LIVROS SÃO AMULETOS

www.editorapatua.com.br



NOTAS AVULSAS SOBRE THOREAU

FACEBOOK, DE 20 A 22/6/14

I.

às vezes me espanto com minha paciência em algumas traduções (e teria de tomar vergonha na cara e desenvolver essas sacações em artigos mais estruturados) – não me lembro de ninguém que tenha apontado essa conexão tão concreta entre o walden e um dos círculos do inferno de dante:

Quando finalmente chegamos aos sons da mata, é quase um anticlímax. Como comentei antes, Thoreau discorre apenas sobre quatro deles: as vozes do noitibó, da coruja, do mocho e da rã-touro, que mal ocupam três páginas (pp. 124-127). Embora belíssimos os parágrafos, em especial sobre a coruja e o mocho, e muito divertido o parágrafo sobre o banquete das rãs, a antropomorfização é constante. Perguntamo-nos até se Thoreau em algum momento seria capaz de discorrer sobre a flora e a fauna sem tomá-las perpetuamente como símbolos elevados, encarnações paródicas ou retomadas mitológicas da humanidade.

Isso à primeira vista, em termos meramente descritivos. Em termos propriamente literários, porém, que bela feitura!

“Enquanto isso, toda a margem ressoava com a trompa das rãs-touro, os robustos espíritos de antigos amantes de vinhos e brindes, ainda impenitentes, tentando cantar um cânon em seu lago estígio – se as ninfas do Walden perdoarem a comparação, pois, se lá quase não há o que carpir, rãs há –, que bem gostariam de manter as festivas regras de seus antigos banquetes, embora suas vozes tenham se enrouquecido e adquirido solene gravidade, num arremedo da alegria, e o vinho tenha perdido o sabor, tornando-se apenas líquido que lhes estufa a pança, e jamais vem a doce embriaguez

afogar as lembranças do passado, só a mera saturação, o encharcamento e a dilatação. (pp. 126-127, com modificações)”

“pois, se lá quase não há o que carpir, rãs há”, for though there are almost no weeds, there are frogs there: complicado jogo de palavras e entrelaçamento de sentidos. Numa primeira leitura literal, pode-se entender como “pois, embora não haja quase ervas, há rãs lá” (weeds: em se tratando de um lago, plantas aquáticas em geral, e não tanto ervas daninhas). Muito bem, mas e daí? O que significaria isso? Analisando-se melhor o sentido da passagem, temos que Thoreau ressalta a suas ninfas locais as diferenças entre o Walden e as águas estíguas: Walden tem plantas aquáticas (aliás, ninfeias, diz ele adiante) e tem rãs, enquanto there - isto é, lá no Estige – há rãs, mesmo que não haja quase weeds. O primeiro aspecto da ressalva, e mais literalista (que explica o adversativo jocoso de Thoreau), é a ausência de folhas aquáticas no Estige onde as rãs possam ficar. O segundo já ingressa em seara mais semântica. Pois weeds designa também qualquer enlutamento, tarjas negras, fumos, roupas de luto.

Embora outros comentadores silenciem sobre essa passagem, creio ser inequívoca a referência à Divina Comédia, Cantos IX e X, onde aparece o sexto círculo do Inferno. Dante e Virgílio chegam às margens do rio Estige, que conduz ao Hades, e veem milhares de espíritos correndo como rãs: “Come le rane ... per l’acqua se dileguan tutte, fin ch’a la terra ciascuna s’abicca, vid’io più di mille anime distrutte...” No sexto círculo ficam os hereges e os seguidores de Epicuro (“os antigos amantes de vinhos e brindes” a que se refere Thoreau – note-se que os pagãos virtuosos ficam no Limbo ou primei-



ro círculo). À diferença de outros pagãos da antiguidade, a impiedade que condena os epicuristas a engrossar o cortejo dos hereges consiste em negarem a imortalidade da alma (donde o elogio aos prazeres dos sentidos). E aqui surge o nexo: negando-se a existência da alma imortal, pouco motivo de luto haveria após a morte do corpo. No weeds, portanto.

Ou seja, é por isso nas águas estíguas pouco se carpiriam os mortos, embora lá estivessem os espíritos dos condenados - rãs e plantas aquáticas de Walden, espíritos e lutos do Estige. Na tradução, por ora não consegui nada melhor do que “carpir”, remetendo tanto ao luto quanto às ervas, embora seja meio despropositado pensar em se carpir um lago...

Isso quanto ao cenário: dantesco, portanto, remetendo aos mitológicos íferos gregos. Já quanto aos protagonistas, serão tema de outro momento.

De passagem, vale lembrar o apreço de Thoreau por Dante:

“De fato, rica será a época em que essas relíquias que chamamos de Clássicos ... forem ainda mais entesouradas, quando os Vaticanos estiverem repletos ... de Homeros, Dantes e Shakespeares, e todos os séculos vindouros tiverem depositado sucessivamente seus troféus no fórum do mundo. Com tal pilha finalmente podemos ter a esperança de escalar o céu” (p. 107).

II.

Proust à condessa de Noailles, 1904

Lisez ... les pages admirables de Walden. Il me semble qu'on les lise en soi-même tant elles sortent du fond de notre expérience intime.

III.

As voltas que o mundo dá...

O mestre Emerson tripudiou e quis prevalecer sobre seu rebelde discípulo Thoreau, em vida e no túmulo.

Faz uns cem anos que ninguém mais aguenta ler Emerson: bombástico, pernóstico, dogmático.

Yeats, Eliot, Cage rendem seus tributos a Thoreau. Toda a melhor tradição política mundial do século XX lhe tira o chapéu.

Alguma dúvida sobre os reais méritos de cada um?

APO SEN TA DO RIA

É sexta-feira e a gerência mandou desligar as máquinas meia hora antes. Quando o relógio marcou 16h30, tudo virou em silêncio dentro da fábrica de ração Pro-Kão. Os funcionários sabiam o que iria acontecer nesta tarde. Chegou o dia. Todos se dirigiram ágeis até o pequeno salão de festas da Associação dos Funcionários da firma (AFUNKÃO), que havia sido construído há pouco. Era uma cortesia do proprietário da fábrica.

De todos, Seu André era o mais ansioso. Ele seria homenageado naquela noite por seus incríveis trinta anos de serviços prestados à empresa. Era o mais antigo funcionário, mais do que isso, era o primeiro de todos. Estava ali desde a fundação, quando Seu Cleber, pai do atual proprietário, o contratou.

Caminhou lentamente até o vestiário, sabia que deveria chegar por último ao local da festa, afinal, a homenagem era pra ele e só começariam quando estivesse lá. Tirou a roupa ainda sem nenhuma pressa e entrou no chuveiro. O banho, como de costume, foi rápido, orientação da empresa.

Enxugou-se, vestiu a roupa limpa, colocou em seu pulso esquerdo seu maior tesouro, um relógio Technos, que ganhara há 10 anos, como agradecimento por vinte anos de serviços prestados à Pro-Kão. Conferiu o braço e percebeu que já estava na hora de ir para a AFUNKÃO.

Andou ligeiro, parou pela última vez quando chegou à porta, ajeitou o colarinho, olhou orgulhoso o relógio em seu braço esquerdo, estufou peito como um sabiá, aprumou com

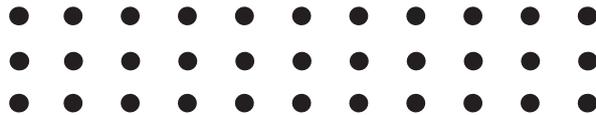
garbo o queixo e entrou. Imediatamente ouviu os primeiros acordes desafinados de Parabéns a Você, correu a vista em volta, notou que todos estavam felizes, principalmente o Ari, que herdaria seu posto já na segunda-feira. Brindavam exageradamente, aos gritos, aos brados. Copos ao ar, barulheira. Viva Seu André!!!!!!

Caminhou entre seus colegas de trabalho. Recebia cumprimentos às dúzias, tapas nas costas, afagos em seus cabelos brancos. Sentiu pela primeira vez desde que chegou à festa o cheiro da costela gorda que estava assando desde a tarde. Foi quando alguém lhe pusera nas mãos um copão cheio de cerveja. Não pode, porém, tomar nenhum gole, Seu Clebinho já estava esperando com os braços abertos para cumprimentá-lo.

Por ser menor, Seu Clebinho o abraçou por baixo, fazendo que as axilas de André tocassem seu ombro. No aperto do abraço, o homenageado deixou cair um pouquinho de cerveja na camisa engomada do chefe. Desleixo imperdoável. Mas o patrão tratou logo de acalmar o empregado, sem soltá-lo do abraço. Falava alguma coisa baixinha ao seu ouvido. Todos acreditavam serem agradecimentos.

Seguiram as muitas homenagens, o presidente da AFUNKÃO lhe entregou duas placas comemorativas, sendo uma alusiva ao funcionário que mais contribuiu para a associação e outra por ele ser o sócio mais antigo. Recebeu da Federação da Indústria uma espécie de certificado por serviços prestados, entregues pelas mãos de seu representante, um senhor magro e espigado, quase corcunda e narigudo. Até aquele momento André não havia perce-





bido sua presença. Um diploma semelhante recebeu da Associação Comercial, junto com um vale-compras de cem reais. Dos colegas de trabalho recebeu uma ração canina tamanho gigante em formato de osso. O presente veio ornamentado com um belo laço de fitas vermelhas. Todos queriam que André levasse alguma lembrança. Foi então que o recinto emudeceu, o silêncio imperou. Seu Clebinho pediu a palavra. Limpou o gogó colocando a mão em frente à boca e disse:

“Estimado André. Hoje é um dia especial para todos nós. Não sei se poderei falar com propriedade, a emoção já toma conta de mim. Mas lembro, ainda menino, meu pai te chamando de amigo, de braço direito. Recordo, ele falava que, se não fosse sua valorosa ajuda, a Pro-Kão não teria dado certo. Por isso hoje, toda homenagem e festa é pouco diante do teu feito. Não consigo mais falar, as lágrimas embargam minha voz, muito obrigado, André, pela sua amizade e dedicação. Viva o André!!!!”

Ruidosa, a assembleia reagiu em vivas, cervejas foram lançadas ao ar, azeitonas e pepinos foram lançados ao ar, pedaços de costela assada foram lançados ao ar e o André, apesar do tamanho, foi lançado ao ar. A sala transformou-se numa bagunça. Formou-se até uma nuvem escura de farinha de mandioca, que também ia ao ar.

Mas era preciso fazer silêncio novamente. Recompuesto do ataque de emoção, Seu Clebinho, em cima do palco, pedia a palavra novamente. Aos poucos o recinto foi silenciando. Quando tudo acalmou, ele recomeçou a falar.

“Gente, gente, por favor, só mais um pouquinho de atenção. Por favor, gente. Eu também tenho alguns presentes para o André. Gostaria de chamá-lo ao palco novamente”.

André ganhou do patrão uma caneca com a logo da empresa, uma agenda para o ano que vem, um relógio Technos novinho e, o melhor, um cheque de mil reais em reconhecimento aos trinta anos de serviço prestado. Abraçaram-se mais uma vez, Seu Clebinho pediu desculpa a todos, não iria ficar para o jantar, tinha outro compromisso. Desejou sorte e bom apetite a todos. E se foi.

Daí seguiu-se o jantar, muita comilança, muita bebedeira. Muitos vivas para André. Todos o serviam, ele era a estrela da festa. Todos tinham passado por algo inusitado com André e queriam contar. E contavam. Não demorou muito para que o efeito da cerveja começasse a aparecer. Os quietos esbravejavam, os tímidos riam. Todos riam. Seu Dirceu, conhecido bebum da empresa, já queria monopolizar a conversa, esbravejando em cima de uma cadeira. Seu Domingos, como sempre fazia quando tomava umas a mais, se transformava num beijoqueiro de marca maior e, entre lágrimas, desferiu um mega beijo no pé da orelha de André.

Este seria um ato infracional em outro dia qualquer. Certamente, Seu Domingos receberia alguma punição. Mas hoje não. Hoje é festa. Hoje é o último dia do Seu André. Amanhã ele entrará para o time dos aposentados. Até mesmo André, que bebia muito pouco, se permitiu exagerar neste dia. Afinal de contas,

não precisaria mais ser o homem durão dos últimos trinta anos de trabalho. Estava aposentado. Enfim aposentado.

Quando a festa acabou, muitos já dormiam sobre e sob a mesa, outros risonavam sentados no chão. A sala estava um pandemônio, parecia que por ali tinha passado um furacão. Tinha sobrado muita comida, bebida não. Este foi o principal motivo do fim da festa. Todos saiam para ir embora. Uns por conta própria, outros eram ajudados pelos colegas. André saiu depois de todos. Ele fechou a associação que ficava no mesmo pátio da empresa. Caminhou lentamente em direção ao portão, passando para o lado de fora, trancou-o. Bateu o cadeado. Olhou para o lugar onde trabalhara nos últimos trinta anos, enfiou distraído as mãos no bolso, deu meia volta e foi para casa.

Em casa encontrou sua esposa dormindo. Tentando não fazer barulho, foi para o banheiro, escovou os dentes, tirou a cerveja da bexiga, retornou ao quarto, deitou-se ao lado da companheira de sempre, que havia acordado. Ambos resmungaram algo. Ela voltou a dormir, ele dormiu.

Quando amanheceu o dia, já era sábado. André, como de costume acordou-se muito cedo. Preparou o café e assim preparou-se para um longo dia de cumprimentos, vizinhos e parentes viriam em romarias até sua casa. Mais conversas, mais tapas nas costas, afagos nos cabelos brancos, parabéns e não poderiam faltar os inconvenientes, que chegariam próximo da hora do almoço ou jantar.

Jucélia
(41) 3031-2357
(41) 9663-7557

AVON
the company for women

O JEITO DIVERTIDO DE DOMINAR O CONHECIMENTO.

FISK
CENTRO DE ENSINO
DOMINE O CONHECIMENTO

FISK ARAUCÁRIA
R. JOÃO PESSOA, 33
TELS: 3642-3690
3031-7040

CONTACTO@FISKARAUCARIA.COM.BR
WWW.FISKARAUCARIA.COM.BR

Foi realmente um longo final de semana. André estava mais cansado dos cumprimentos do que dos trinta anos de trabalho. Deu graças quando a última visita foi embora no domingo e ele sentou-se em frente à televisão para assistir aos gols da rodada.

Foi com a esposa para cama e viu quando o sono chegou para ela. Porém, ele estava sem nenhuma vontade de dormir. Passou a recordar tudo que vivera até ali. Lembrou do dia que começou a trabalhar na Pro-Kão, um convite do próprio Seu Cleber. Pensou nos nascimentos dos filhos e na dificuldade que enfrentaram para que eles pudessem estudar. Lembrou que ainda faltavam quarenta e oito prestações do financiamento estudantil. Seu menino era bacharel em Direito, mas ainda não tinha conseguido passar no exame da Ordem. Mas a casa ao menos estava paga. Foram longos vinte e cinco anos. Financiamento do BNH. Recordou com que alegria chegou em casa depois da aquisição do carro usado. Um Del Rey lindo, completo, ano 84. Este carro estava com o motor estourado há quase um ano, mas com a grana que ganhara de Seu Clebinho, iria consertá-lo. Quando dormiu, sonhou com tudo. Entretanto, alguma coisa neste devaneio lhe advertia. Uma espécie de luz amarela teimava em lhe avisar que sua missão de trabalhador ainda não chegara ao fim. Que sua família ainda precisava dele. Que aquele salário da Pro-Kão não poderia faltar em seu orçamento. Dormiu mal.

Quando enfim chegou a segunda-feira, André levantou-se, coou o café, forte como sempre. Não sentia vontade de tomá-lo, isso era estranho, nunca recusava um bom cafezinho. Tentou mastigar um biscoitinho, mas ele cresceu em sua boca, não pode engoli-lo. Cuspiu fora. Olhou sobre a mesa e viu o presente que ganhara de seus colegas. Tava lá a super ração canina em forma de osso, pesava cerca de quinhentos gramas. Sentiu vontade de provar aquela gostosura.

Achou que estava ficando maluco, onde já se viu comer comida de cachorro. Ainda mais sabendo que tem um café do jeito que ele gosta na garrafa térmica. Não resistiu, olhou para todos os lados e lascou os dentes naquele lanchinho apetitoso. Engoliu com prazer. Era a melhor coisa do mundo. De hoje em diante comeria sempre. Admirava-se nunca ter provado antes. Mas de qualquer forma era preciso manter isso em absoluto segredo. O que pensariam dele? O chamariam de louco.

Entrou no banheiro para escovar os dentes, notou que seu rosto ganhara muitos pelos em apenas uma noite. Barbeou-se cuidadosamente e continuou a observar-se no espelho. Viu que suas orelhas também estavam peludas, olhou espantado para o tamanho de suas unhas. Que transformação era aquela?

Pensou que sua esposa não poderia vê-lo assim. O que estava acontecendo? Só poderia ser uma brincadeira de péssimo gosto do pessoal da firma. Sabia que tinha inimigos lá. O que colocaram na ração que acabara de comer? É isso! A ração!

Olhou no espelho e estava peludo novamente. Desesperou-se. Nos poucos instantes de lucidez lembrava-se da esposa. Ela não poderia vê-lo assim, repetiu. Pensou em sair de quietinho de casa, mas foi traído por um baita uivo gutural. Ele fizera aquilo? Sua esposa acordaria. Ela chamou seu nome, mas ele já não ouviu. Saiu pela porta dos fundos e rapidamente chegou ao quintal. Vagarosamente, como a se refazer do susto, havia uivado em seu banheiro. Acordara a casa inteira. Ficou um instante em silêncio. Ninguém veio atrás. Aos poucos foi criando coragem e saiu para a rua.

Enlouqueceu mesmo quando viu a cadeliinha do vizinho. Começou a andar em círculos, a correr feito um maluco, aliás, ele estava maluco. Aproximou-se daquela linda fêmea, mas foi repellido por um pastor alemão que dava o dobro do seu tamanho.

Continuou solto pela rua, fugiu ágil da carrocinha que captura cães vadios. Depois pensou, por que fugi? Não sou vadio. Sou aposentado. A essa altura André sentia-se muito bem. O vento no rosto. Latiu sem medo pela primeira vez. Quis correr atrás dos automóveis. Criou coragem e correu.

Ouviu um enorme barulho de freada, sentiu que o osso de sua bacia partia-se em centenas de pedaços. Sentia o sangue escorrer por seu corpo. Sons de sirene. Gritos de socorro. Viu o mundo girar cada vez mais rápido e mais rápido. Gente de vermelho, gente de branco.

Acordou do coma dez dias depois. Recobrou toda a consciência. Imediatamente pediu para se olhar no espelho. Aliviado, viu que seu rosto não estava peludo. Sorriu e pediu um biscoito canino ao enfermeiro.



Janaina Moraes

DE QUE SÃO FEITOS OS ESCRITORES?

Ele aproximou a cadeira de rodas da janela e se pôs a observar: o que aquela moça de laranja fazia todas as tardes na pracinha em frente ao condomínio? Mais uma tarde e ela estava lá, sentada, olhando para o nada, com um caderno nas mãos; vez ou outra observava o céu cinza (às vezes ele ficava azul repentinamente), uma vez na semana ela levantava-se do banco, ia até o fim da quadra, voltava, limpava os óculos, parecia enxugar lágrimas, mas ele não sabia ao certo, afinal, a observava à distância. E a cena se repetia, três ou quatro vezes por semana. Seria uma psicopata? Sofria de algum problema mental ou simplesmente uma desilusão de amor?

Ele conhecia bem sobre as desilusões, por inúmeras vezes preferiu sua própria companhia para chorar, do alto de seus 42 anos, nem lembrava quantas desilusões havia passado e sabia perfeitamente que nestas horas é sempre boa a sensação de solidão, tal solidão que o isolou no 7º andar. Ele usava a cadeira de rodas como desculpa para não frequentar nenhuma outra área do prédio. Mal descia para recolher as correspondências, vez ou outra o porteiro lembrava-se de passá-las por debaixo da porta, mas já houve épocas em que elas acumulavam-se por meses.

Sexta-feira nublada, lá estava ela, com a mesma jaqueta de corrida alaranjada. A pracinha estava cheia, casais jovens namorando, crianças correndo na grama, cachorros fazendo coco onde não deveriam e seus donos fazendo vista grossa na hora de recolhê-los. Naquela tarde, a solidão da moça de laranja o incomodou. Do vidro da sala, ele observava, irritado, a calma que ela olhava os carros na rua: será que não havia mais nada para ela fazer?

Sua aparência jovem, os cabelos compridos, aparentava no máximo trinta anos, deveria ter amigas, será que ninguém a convidava para sair? Apoiou-se na barra da varanda e com a xícara de café ao lado continuou tentando entender a ociosidade/loucura/solidão.

Semanas se passaram e a rotina se repetia, vez ou outra ele mudava o local da observação, ora no quarto, ora na sala. O andar sem rumo dela na praça continuava. Ele percebeu que ela havia retirado os óculos, os cabelos também estavam mais curtos, a velha jaqueta laranja foi substituída por uma camiseta, afinal, já era primavera e o céu cinza já não era tão rotineiro.

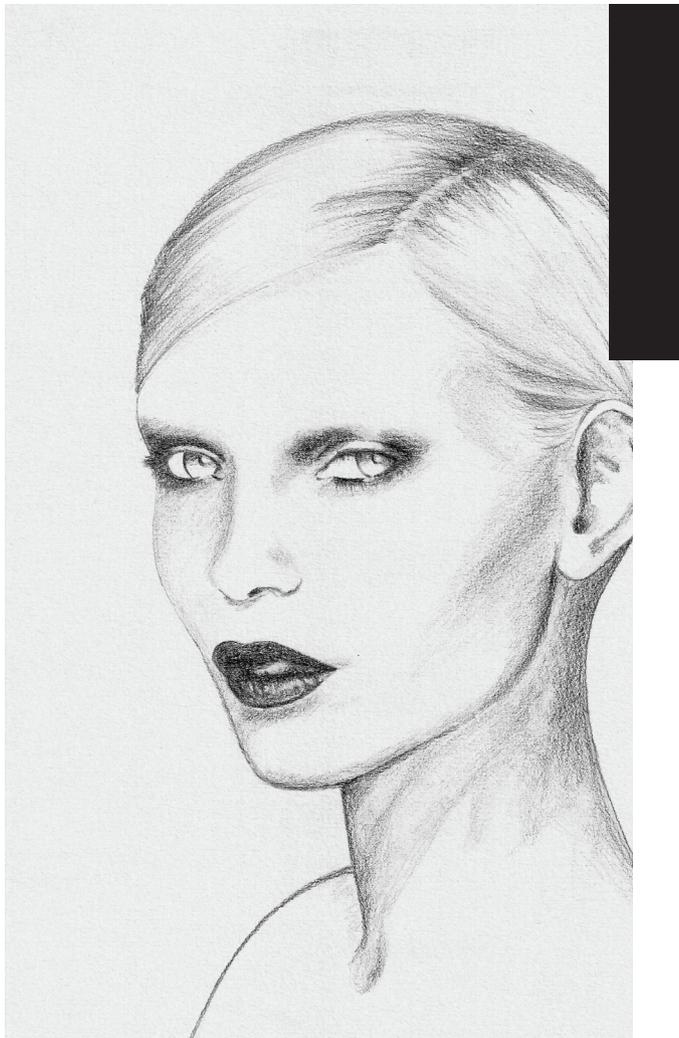
Manhã de sábado: era o único dia que ela sagradamente atravessava a rua e chegava bem próximo ao portão do condomínio onde ele morava. O campo de visão não permitia observar até onde ela se aproximava, a única certeza que ele tinha é que ela sempre retornava ao banco da praça e direcionava o olhar para o prédio. Algumas vezes ele até imaginou que ela o olhava.

Quebrando a rotina, ele usou o elevador que há meses não via. O porteiro estranhou ao ouvir o barulho da cadeira de rodas deslizando pelo hall do prédio. Ele sorriu, empurrou-a para mais perto da porta de vidro e percebeu que a moça não estava lá, pensou: é sábado, ela sempre vem!

Ficou parado em frente à porta esperando e sentindo-se observado, o porteiro não tirava os olhos dele. Decidiu voltar para o apartamento e tomar uma xícara de café, ela deveria ter encontrado outra praça para vagar. Ao dirigir-se ao elevador o porteiro lhe entregou uma caixa de sapatos cheia de papéis, resultado dos dois meses sem consultar a caixa de correios. Ele subiu, aproximou-se da varanda e abriu um a um os envelopes coincidentemente preenchidos com a mesma letra: um arrepio lhe percorreu a espinha, eram cartas que, reunidas, formavam um livro-diário, em que uma moça relatava os dias solitários de um homem no alto do 7º andar.

“Duas pessoas olham pela janela. Uma vê a lama. A outra as estrelas.”
Frederick Langbridge

Rodrigo Madeira



Karen Matias

DALTON TREVISAN DESCENDO A RUA XV

Só o ego de um psicopata é maior que o ego de um escriba. No entanto, outro dia mesmo, vendo na TV um programa sobre a origem do universo, o poeta tomou mais uma de muitas porradas pedagógicas. Dizia Alex Filippenko, astrofísico da Universidade de Berkeley: *Como é pequeno o pedaço da História que de fato ocupamos! Para simplificar isso, imagine comprimir 14 bilhões de anos de História do Universo em 14 anos. Nessa escala, a Terra teria existido somente nos últimos cinco anos. De maneira que, em 1/3 da História do Universo, as grandes criaturas teriam se desenvolvido há apenas sete meses. Nessa escala, os dinossauros teriam se extinguido há apenas três semanas. Toda a História registrada dos seres humanos teria começado há apenas três minutos. As sociedades industriais modernas, nos últimos seis segundos.*

Se é uma doída, mas saudabilíssima, paulada na mesquinha e autoatribuída importância da espécie, o que dizer de nosso infinitesimalmente mais mesquinho narcisismo individual?

E partindo desse pressuposto, partindo de que somos já de saída insignificantes, no entanto chegamos também a extraordinários. Afinal, somos capazes de pensar a morte, não somos? De povoar a morte, de “viver a morte”, de reinventar a vida.

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

E viver eternidades. A alma, cheia de máculas e pesadelos, ao mesmo tempo acaba sempre rasgada no fundilho. Somos trágicos e banais, metafísicos e cotidianos, graves e ridículos. Diante do fim, talvez rebente-nos dos pulmões um soluço e uma apóstrofe: Vermes, deixem-me ser eterno!

Desde os sumérios, dividimos o Tempo em blocos de 12. Desde antes, o homem se divide em projeções e memórias afetivas. O homem encilha o tempo, doma o tempo em quadrantes, ampulhetas e poliuretanos. O homem doma o tempo. Cavalga o tempo. E cai do cavalo.

E há a eternidade. Meu Deus, de que se trata a eternidade? Um inseto no âmbar, a mais bela bailarina empalhada em pleno salto? Quem sabe seja coisa de se conjugar somente no passado, mais precisamente, no pretérito imperfeito do subjetivo. A eternidade era um colibri bebendo o açúcar dos relógios?

E mesmo assim, porque somos apaixonados e temperamentais, a coisa toda, o vívido vivido, parece suspenso fora do tempo pelos fios de meus e seus cabelos. Ah, aquele beijo, o primeiro, lembra? Tudo o que não caiba nas agendas, nas grades de horários, nos planos de carreira.

Talvez por isso aquele menino com o rosto cheio de ranho e terra me dissesse: – É assim mesmo, tio, matando o tempo eu consigo ser eterno! E aquilo que dizia ao menino a mãe dentro da tarde chuvosa, infinita. Dizia-me, com canhestro sabor poético, que também ficava eterno o que se esquece. Ela me disse: *O que a gente esquece, meu filho, aumenta a memória de Deus!*

Tateando, cego, as paredes de um espanto (coisa do tempo, que só o tempo concede), chego por fim a uma sentença: a eternidade, também ela feita de tempo – e apenas tempo –, não é o bom e velho *sempre*; a eternidade é *nunca mais*.

Mas e isso lá explica alguma coisa? Isso não explica nada, cara! A charada permanece a mesma: e o tempo, o que é, o que é?

Quando eu era moleque, ganhei um relógio despertador de uma tia distante. Fiquei curioso. Sempre quis entender o Tempo. E lá fui eu: abri o relógio e removi cada engrenagem, cada pecinha. Tirando-as uma a uma – e tirando também o invólucro do mecanismo – não sobrou nada. Absolutamente nada. Aquilo me deixou abismado. Hoje eu mais ou menos entendo que justamente esse nada que sobra é o Tempo. O mesmo nada que, sabe-se lá de onde, vem forjando e enferrujando a gente.

Bem, seja como for, já passou da hora de dobrar a esquina. Fiquei os dez parágrafos acima, de bobeira, de teimoso, referindo o tempo que não entendo. Minha incompreensão permanece intacta. Tudo o que faço – tudo o que os líricos fazemos – é brincar com a incompreensão e o espanto enquanto há tempo. Enquanto houver tempo.

Um pouco de personificação nunca fez mal ao coração dos líricos. Por que então não dar ao Tempo um rosto e um par de pernas? De modo que, para terminar: pensemos no Tempo como num velho vigoroso e mal-educado descendo a rua XV. Imaginem, a título de exemplo apenas, Dalton Trevisan descendo a rua XV. O que se dá quando nos topamos, quando o reconhecemos? Nada. O Tempo atravessa-nos como se fôssemos invisíveis. Passa por nós na rua, na casa, no bar, no trabalho, no amor, no sono e na insônia. Não responde a apelos e cumprimentos, não se detém sequer um instante, sequer um leve giro de cabeça a reconhecer-nos ou desprezar-nos.

Entende o Tempo que estamos já mortos? Somos os tais *cadáveres adiados*, coçando-nos, amando, procriando? Será que foge de nós (*Tempus fugit*), seus fantasmas, com medo ou remorso?

Talvez, pelo contrário, seja que tenhamos todos o mesmo rosto, indistinguíveis, como para nós têm o mesmo rosto todas as moscas deste mundo, como para nós é a mesma suas biografias de três semanas. Pouco se lhe dá ver-nos, jovens ou velhos, gênios ou idiotas, nus ou vestidos, bonitos ou feios, com uma faca ou um ramo de flores na mão direita.

Ou é porque você marcha, ó Tempo, atarefado, pontualíssimo? É, você mesmo, Tempo! Marcha para encontrar-nos – dali a anos, amanhã logo cedo? Marcha para encontrar-nos definitivamente, uma faca ou um ramo de flores em sua mão direita, numa outra esquina?

THIRTEEN WAYS OF LOOKING AT A BLACKBIRD

I
 Among twenty snowy mountains,
 The only moving thing
 Was the eye of the blackbird.

II
 I was of three minds,
 Like a tree
 In which there are three blackbirds.

III
 The blackbird whirled in the autumn winds.
 It was a small part of the pantomime.

IV
 A man and a woman
 Are one.
 A man and a woman and a blackbird
 Are one.

V
 I do not know which to prefer,
 The beauty of inflections
 Or the beauty of innuendoes,
 The blackbird whistling
 Or just after.

VI
 Icicles filled the long window
 With barbaric glass.
 The shadow of the blackbird
 Crossed it, to and fro.
 The mood
 Traced in the shadow
 An indecipherable cause.

VII
 O thin men of Haddam,
 Why do you imagine golden birds?
 Do you not see how the blackbird
 Walks around the feet
 Of the women about you?

VIII
 I know noble accents
 And lucid, inescapable rhythms;
 But I know, too,
 That the blackbird is involved
 In what I know.

IX
 When the blackbird flew out of sight,
 It marked the edge
 Of one of many circles.

X
 At the sight of blackbirds
 Flying in a green light,
 Even the bawds of euphony
 Would cry out sharply.

XI
 He rode over Connecticut
 In a glass coach.
 Once, a fear pierced him,
 In that he mistook
 The shadow of his equipage
 For blackbirds.

XII
 The river is moving.
 The blackbird must be flying.

XIII
 It was evening all afternoon.
 It was snowing
 And it was going to snow.
 The blackbird sat
 In the cedar-limbs.

TREZE MANEIRAS DE OLHAR O PASSARO PRETO

I
Entre vinte montanhas nevadas,
O único movimento
Era o olho do pássaro preto.

II
Eu tinha três pensamentos,
Como uma árvore
Onde tem três pássaros pretos.

II
O pássaro preto rodopiava no vento outonal.
Era pequena parte da pantomima.

IV
Um homem e uma mulher
São um.
Um homem e uma mulher e o pássaro preto
São um.

V
Não sei o que preferir,
A beleza das inflexões
Ou a beleza das insinuações,
O canto do pássaro preto
Ou logo depois.

VI
Pingente de gelo na janela
Com vidro rudimentar.
A sombra do pássaro preto
Cruzou pra lá pra cá.
O jeito
Traçou na sombra
Um indecifrável motivo.

VII
Oh, magro homem de Haddam,
Por que imagina pássaros dourados?
Não vê como o pássaro preto
Anda ao redor dos pés
das mulheres perto de você?

VIII
Sei nobres pronúncias
E lúcidos, inevitáveis ritmos;
Mas sei, também,
Que o pássaro preto está
No que sei.

IX
Quando o pássaro preto voava longe,
Marcou a margem
De um de muitos círculos.

X
Na aparição dos pássaros pretos
Voando na luz verde,
Até a indecência da melodia
Estacou bruscamente.

XI
Ele atravessava Connecticut
Numa carruagem de vidro.
De súbito, o medo colou nele,
Quando confundiu
A sombra da tripulação
Com pássaros pretos.

XII
O rio está se movendo.
O pássaro preto tem que estar voando.

XIII
Entardecia de vez a tarde.
Estava nevando
E ia continuar a nevar.
O pássaro preto pousou
Nos galhos do cedro.



E PRECISO DIGERIR BELÉM

O Pará, apesar de ser pura água – igarapés, peixes, tucupí e chuva; o próprio tacacá tem sabor de rio quente – emana um calor telúrico, uma força que amadurece cacau e faz tudo ter cores amareladas, avermelhadas, esverdeadas. Pinta uma mata urbana e aproveita seu clima equatorial, úmido e quente, para amolecer corações. É difícil resistir ao estupor que nos assalta à primeira vista da floresta amazônica. De cima, quando ainda estamos alheios à realidade de Belém no assento do avião, tudo o que se vê é uma massa densa de árvores. Fantasio tocar a superfície tão diminuta com a minha mão gigante, afagando levemente, como em um cafuné, as copas e sentindo suas texturas imaginárias de brócolis, samambaia e musgo.

Ao pronunciar a palavra Belém as sílabas deveriam nos trazer à boca o gosto levemente azedo do tucupí. Deveria dar vertigem como a visão dos igarapés serpenteando pela mata amazônica, miniatura de natureza que enxergamos do alto do avião. O cheiro do Mercado Ver-o-Peso deveria nos assaltar de imediato com o odor do pirarucu defumado e dos maços gigantes de coentro e salsinha frescos. Porque, sensorialmente, Belém é única e uma palavra deveria evocar todo o som e as cores que faltam para completar a cena. Quem nunca viu Belém dificilmente abstrai

sua essência através de um relato como este. Mas é preciso tentar. É preciso digerir Belém.

Não é carimbó, nem mosquito. É o calor, mas também é o vento congelante que sai dos aparelhos de ar-condicionado no outono, máquinas instaladas em qualquer estabelecimento de médio porte e cuja temperatura abaixo de 16 graus C os belenenses curiosamente suportam em mangas de camisa. O sol mal dá as caras. Os dias outonais são perpetuamente nublados e abafados. E as chuvas – lamento desmentir a lenda – não tem hora marcada. Ela cai, impiedosa, a qualquer momento sobre a cidade como uma ducha morna antes de um mergulho na piscina. Do jeito que vem, se vai, deixando tudo com aspecto fresco e os mais sensíveis, à noitinha, com frio. Para o meu espanto, mesmo olhando a previsão do tempo acabei usando mais casacos em Belém que bermudas e mais tênis que sandálias. Culpo os onipresentes aparelhos de ar-condicionado.

Seria mais pertinente mesmo se cada vez que se falasse em “tacacá” – e se fala muito em tacacá antes de se chegar a Belém – a língua engrossasse como a goma de tapioca que fica ao fundo da tigela ou estalasse na dormência do jambu, que é para nós, os mal viajados, prestarmos atenção em outras coisas ao desembarcarmos na tepidez de

Belém. Na fala mansa do povo, por exemplo. Nos seus olhos brutos, secos, rasgados indigenamente. Hipnotizantes. Fortes. No nariz largo da miscigenação (indígenas, africanos, europeus), na boca cujo traço sempre é uma curva aberta voltada para baixo, como uma rede de ponta-cabeça. São pessoas cuja História está impregnada nos genes e nos hábitos, que falam sobre a data de fundação da cidade ou da receita de arroz de pato e tucupí com a mesma entonação simpática, de quem quer fazer o viajante compreender – e também reafirmar – o que é *ser belenense*. O que os faz tão únicos e envolventes, o que os distingue do restante do Norte; assim como o sulista não quer ser chamado de gaúcho, nem o nordestino, de baiano. E não conseguimos compreender de imediato, pois as informações são muitas, e isto os diverte imensamente. Não se completam 24h na cidade sem que um habitante lhe pergunte o que tem achado de tudo até agora: do povo, das construções, da comida, do clima, do engarrafamento. São pessoas curiosas, de fala lenta e introspectiva, como se estivéssemos espiando seus pensamentos. Dificilmente olham diretamente para o interlocutor. Vagueiam o olhar ao redor, entre a vigilância e a distração. E quando são ouvintes, quanto mais surpreso e encantado o turista estiver, mais orgulhosos ficam. A curva da boca sobe numa

aprovação à sua visita: uma rede estendida em sua homenagem.

Satisfeitos com a cidade que constroem dia a dia, os taxistas, os guias, os atendentes de hotel aconselham: “Volte no Círio de Nazaré, para ver que festa linda. A cidade se transforma”. A festa é só em outubro, mas os sinais estão sempre presentes, como que abençoando o cotidiano dessas pessoas. Por cima das ruas, uma estrutura de metal estampa a imagem estilizada de Nossa Senhora com Jesus no colo, séria e vigilante. Belém, na verdade, chama-se Santa Maria de Belém do Grão Pará, uma homenagem ao catolicismo – é de praxe que todas as honras sempre sejam ao colonizador. Do indígena, ficaram os costumes alimentares, síntese máxima da cidade. É claro, pode-se voltar na época do Círio e ver a paixão de um povo pela redenção e milagres, mas conhecer Belém pela boca é um passeio sempre disponível e mais justo historicamente.

Tomemos o peixe como exemplo. Quando era fruto da pesca para subsistência, era quase sempre moqueado, ou seja, assado em brasa lentamente envolto em folhas de bananeira ou outra, como o vindicá, um arbusto gigante ornamental. No mercadão, os peixes são vendidos limpos, inteiros ou em pedaços. A posta ou o filé pode ser de pirarucu, gó, pintado,

tambaqui, tucunaré ou filhote. Cada um deles tem uma textura e um sabor próprios, podendo ser preparados na brasa, cozidos, assados em forno convencional ou (o horror, o horror!) à milanesa ou apenas fritos. São peixes de água doce que precisam ser retalhados pelo feirante do Mercado do Peixe, dentro do Mercado Ver-o-Peso. Bichos grandes como o filhote e o pirarucu, que podem chegar a pesar mais do que um homem adulto, passam pela faca dos peixeiros inúmeras vezes e como destino têm as melhores mesas.

É fácil encontrar filés de gó e outros peixes mais baratos, fritos diariamente em qualquer um dos boxes de alimentação do Ver-o-Peso, servidos com uma tigela de açaí batido e uma porção de farinha d'água – amarela e granulada grossamente – ou a branquinha tapioca, parecendo um isopor despedaçado dentro de potinhos de plástico. O sabor do açaí é uma mistura do amargo do abacate e textura de mingau. A farinha, arenosa e dura. O belenense come da seguinte maneira: polvilha generosamente a farinha por cima do açaí e com uma das mãos pega o peixe frito. Na outra, uma colher. Abre a boca e coloca uma colherada de açaí com farinha e um pedaço do peixe. Mastiga os dois juntos e estala os beiços em aprovação: “Égua! *Iss'aqui* é bom demais!” A

sequência é repetida até o fim, no ritmo da fome. “Não ofereça açaí a um belenense se for menos de meio litro. Vai ofender o *caboco*”, repete a guia turística, enquanto observa vinte brasileiros que até então só haviam comido polpa de açaí congelada. O amor do paraense pelo açaí chega a doer de ciúmes quando lembram que os vizinhos dos estados do sul e sudeste comem a polpa processada com granola e banana – e não aceitar uma tigela de açaí pode ser uma desfeita tão grave quanto adicionar açúcar no lugar da farinha. Se comer, faça o favor de gostar porque, como em toda paixão, os limites entre o ciúme e o orgulho nunca estão bem delimitados, oscilam de acordo com a maré.

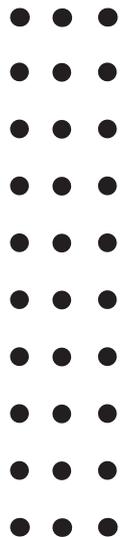
Mas singram por essas águas outros olhares sobre a cozinha amazônica. Quem guia com maestria o barco atualmente são dois irmãos que mal completaram 26 e 24 anos e tocam um restaurante há dois. Remanso do Bosque é o lugar, considerado o 38.^o melhor da América Latina segundo a revista *Restaurant*. O irmão mais velho, Thiago Castanho, foi apontado como um chef promissor, em quem o mundo deve manter o olho. A atenção já está sendo dada. Durante os cinco dias que estive em Belém, na primeira semana de abril, Thiago estava em Portugal para

participar do Festival do Peixe e mostrando aos lusos os preparos com o pirarucu brasileiro.

No menu degustação do Remanso do Bosque, a sequência de doze pratos apresenta a floresta inteira rearranjada em louças de barro, de vidro e de cerâmica. O filhote na brasa, assado em folha de bananeira e servido com um tartare de banana é o mais elegante e resume a Belém gastronômica, atualizando a tradição do peixe assado do Remanso do Peixe, restaurante dos pais que começou há mais de uma década. Ver sua cor dourada pela brasa, sentir seu sabor delicado e a firmeza da carne é o melhor cartão-postal gustativo de Belém. É raro encontrar alguém que não o venera. “Não estive no Pará quem não comeu filhote” e segue-se falando do tacacá, da farinha de aviú (um camarão miúdo desidratado), da maniçoba, do pato no tucupi e da tapioca. O estômago chega a parar só de ouvir. Outra dobradinha de peixe-com-banana servida no menu degustação é o pirarucu defumado com nhoque de banana-da-terra e farofa de castanha-do-Brasil, também presente na sequência dos irmãos Castanho. Pode ser lido como uma vitória no seu sentido mais prosaico: estando no cardápio, desafia o paraense, que é louco por pirarucu seco, a comer um peixe envolto em azeite e

com tempero leve, muito diferente do encontrado no Ver-o-Peso, onde, curtido, exala um cheiro áspero e viscoso.

Toda a essência do paladar paraense está lá, coração da cidade com 317 anos completos e que ostenta o título de maior feira livre da América Latina. Fechado depois das 17h, ele vira o playground da miséria, onde estão mendigos e seres tristes rondando os bares. De um lado, uma avenida congestionada com vans de portas abertas, ônibus abarrotados e carros buzinando. Do outro lado, agitam-se águas cor de caramelo do rio Guamá e uma tropa de urubus prontos para devorar o que estiver sobrando na areia. Quando a maré sobe, as águas da Bacia de Guajará inundam as ruas, os atacadouros, as escadarias, as ilhas. Algumas horas depois, o rio volta para o seu lugar e Belém sai do seu banho tal qual um menino do igarapé: cabelos lambidos para trás e de olho no céu. Vejo Belém pela janela da van que me leva do aeroporto ao hotel. Choveu tanto no dia anterior que não há vazão das ruas, e sim correnteza. O vento força os pingos para todas as direções. O belenense, pacato, caminha de sandálias ou chinelo debaixo das marquises ou aguarda, protegido, a fúria ir embora. Os guarda-chuvas não aguentam, contorcem-se, viram-



se do avesso. As árvores se agitam como se acenassem – são mangueiras e outras espécies frondosas que dão boas-vindas com sua folhagem verde escura. Belém, afinal, é natureza, como não poderia deixar de ser uma cidade que já foi apenas a Amazônia. Parece que vai mergulhar novamente. Se chover, o belenense se mete por dentro do Ver-o-Peso, experimentando as farinhas e camarões salgados sem pudor. “Deixar eu dar uma prova”, anuncia, enchendo uma das mãos. Se a farinha de Bragança (amarelo clara, graúda e dura), por exemplo, estiver mole, cospe tudo no chão com estardalhaço e seguem para a próxima saca. Aponta para a farinha d’água e solicita: “Essa tá boa, mano. Me dá meio litro”. O feirante, com uma caneca em punho, mede de olho, despeja o conteúdo em um saco plástico e entrega ao cliente. “Dois reais”, cobra o feirante, para em seguida se acorocar ou sentar em uma velha cadeira de praia e olhar a chuva desenhando no rio. Não há necessidades de balanças, e sim de mandioca. “A gente não vive sem farinha”, me explica a uma guia informal que me levou para passear em um fim de tarde pela região do Comércio e Cidade Velha. Todo belenense é assim: come farinha com o açaí amargo, farinha com peixe, farinha com fruta, farinha com tudo. Farinha para petiscar. Farinha pra fazer beiju. A farinha é a segurança alimentar do bicho urbano; é ela que impede milhares de estômagos de roncar.

De outra farinha, esta incomensurável, se faz o nome desta cidade úmida. Belém, em hebraico, significa “casa do pão”, uma referência cristã ao alimento espiritual, Jesus. O chamado “pão da vida” observa no colo de Maria o cotidiano de um povo que encontra sua catarse em outubro, durante o Círio de Nazaré. Não foi nesta Belém que nasceu Jesus há mais de dois mil anos, mas é também nela que ele é celebrado e solicitado – mas não mais que sua mãe. Para Maria, todas as

preces. O povo entrega a ela votos de cera, de plástico ou de madeira, à venda todos os dias no Ver-o-Peso. São reproduções de pernas, pés, mãos, cabeças e outras partes do corpo cujas mazelas – cânceres, úlceras, doenças degenerativas –, acreditam, são curáveis também pela fé. O estoicismo do belenense talvez seja uma das características mais fortes da mistura de povos. Aguentar a devastação do colonizador quando ele chega determinado a saquear, matar, usurpar e catequizar. Aguentar as intempéries da nova terra quando se imigra -- “o que cresce nesse solo?”, “o que mais posso comer?” Aguentar, diariamente, a miséria nas ruas e vielas de Belém, a violência resultante da desigualdade, a lida diária na lavoura ou no comércio. Haja farinha. Haja sol. Haja peixe.

A maior população imigrante é de japoneses, cujas colônias estão no interior do estado. Tomé-Açu, ao sul de Belém, é uma cidade pequena como deve ser: ruas ainda sem asfaltamento, mosquitos e maruins a postos para morder sangue novo e a agricultura como principal atividade econômica, com cooperativas lideradas pelos nipônicos. O Oriente é um traço leve no rosto do município, que só é percebido pelo contraste entre o seu jeito metódico com o *laissez-faire* dos paraenses: o que tiver que ser comido, será semeado e o que estiver plantado, será colhido. É uma economia de subsistência: nenhuma ração de açaí é retirada do pé se não houver uma barriga roncando (ou a necessidade de fazer dinheiro imediatamente) –, uma particularidade que ultrapassa a fronteira dos municípios interioranos e sobe até encontrar seu limite na orla da praia. O ribeirinho, a metonímia da Amazônia, não passará fome se depender do seu quintal.

Ademir Demarchi

OS ANOS DO FURACÃO

Mário Bortolotto, além do reconhecido trabalho como ator e diretor, marcados por uma autoralidade rara no cenário cultural brasileiro, iniciada em Londrina, tem, ao longo do tempo, por sua exposição pública, criado uma imagem de marginal, quer pela aura bukowiskiana de prezar a vida em bares e num palco com sua banda de rock, quer pelo modo arredo com que se apresenta publicamente. Foi num desses bares que se deu um episódio impactante em sua vida, em que um ladrão, enfrentado por ele, na Praça Roosevelt, em São Paulo, lhe deu uns tiros que o levou à beira da morte. Tudo isso é assunto no livro *Os anos do furacão*, publicado pela Realejo Livros, que explora já na capa a imitação da garrafa de Jack Daniels, imitando o rótulo desse whisky, em perfeita afinidade com os relatos do autor. O livro é uma compilação, a segunda, dos textos que Bortolotto publica regularmente em seu blogue *Atire no Dramaturgo*, título que não deixa de ser uma ironia, constatada com os tiros que levou no bar, como se fosse um Humphrey Bogart na Casablanca entreguerras que é o submundo de São Paulo. A seleção dos textos nesse livro é ótima, feita para se ler aos poucos, acompanhando o senso de observação apurado do autor, que vai do lírico ao irônico, com muitas referências ao seu universo cultural, com menção a filmes, músicas e músicos, livros e histórias em quadrinhos. Aquela aura de marginal, marcada pelo clichê, ao mesmo tempo que é questionada, é reafirmada por valores pessoais que enriquecem sua personalidade. Assim vamos sabendo pela leitura que sua aparente estranheza de querer ficar “na sua”, sem que lhe encham o saco, como se fosse um cara num balcão do bar bebendo a solidão, vem de longe, desde um modo de vida familiar em que ele diz que “somos seres um tanto quanto estranhos. A gente não se relaciona

muito... A gente não telefona um pro outro. Passa mais de um ano sem se ver. Não comemora aniversário. Natal, nem Ano-Novo”. Há de tudo no livro, destacando-se os relatos da saída de Londrina com seu grupo Cemitério de Automóveis, a passagem por Curitiba e sua fixação em São Paulo, chegando à atual vida na metrópole: “Estou chegando em casa. Não estou triste, nem feliz. Vim da Mercearia São Pedro. Gosto de ir lá... Nas segundas-feiras. O bar está mais receptivo. Não tem tanta gente. E alguns amigos sempre estão por lá. Então posso encostar no balcão, pedir uma Heineken e beber tranquilo enquanto folheio alguns livros”. “Imaginem o mundo sem máquina de lavar roupa”. Uma afirmação como essa, que serve para contar como é a vida solitária na metrópole serve também para puxar fatos da memória de infância em Londrina, sobre quando sua mãe ganhou sua própria máquina, de cuja competência desconfiava, esfregando toda a roupa novamente no tanque, depois de lavada, também por temer que ela a tornaria inútil na casa. Evidentemente destaca-se no livro o relato da experiência de ter estado à beira da morte, desde o trabalho no teatro, a ida ao bar, a chegada dos ladrões, o tiroteio, a passagem pelo hospital, a solidariedade dos inúmeros amigos e a volta por cima, que ele nomina num capítulo como “O furacão outra vez – De volta aos velhos hábitos”. Um ótimo livro pra se ler com uma boa dose de Jack Daniels e a ótima trilha sonora que sai de dentro dele com John Lee Hooker, Howlin Wolf, Ray Charles, Tom Waits, Chet Baker... e muito mais blues e rock que se quiser...



Panificadora e Confeitaria

Água
na Boca

3642-9376

panificadoraaguanaaboca@hotmail.com.br
Rua Pedro Druszc, 122 - Centro - Araucária



• • • • • • • • • •

NIKOLAI GOGOL

TARAS BULBA

Resenha originalmente publicada no blog Livrada! (www.livrada.com), espaço individual-anárquico dos mais interessantes da crítica literária contemporânea.

Talvez a personagem mais rasa de toda a história do Breaking Bad, a Marie, cunhada do Walter White é, ainda assim, mais profunda que boa parte dos protagonistas de seriados que a gente vê por aí – e olha que ela é uma secundária bem secundária. Seu bordão favorito diz: “Na dúvida... roxo”, referindo-se à sua cor favorita, uma tentativa desesperada da personagem de acrescentar mistério e complexidade a uma personalidade tão calcada na inveja e na ostentação.

A frase da Marie pode ser adaptada aqui para meus propósitos: “Na dúvida...russos”. Ora, eis aí você, entediado com a mesmice da estética urbana da literatura brasileira contemporânea. Russos. Você aí que reclama que a emergente literatura americana não fala ao seu coração. Russos. Você que reclama que o mérito literário é ofuscado pela especulação editorial. Russos. Você que não gosta de ler uma boa história que seja apenas uma boa história, desprovida de maiores significados. Russos.

A literatura russa, meus camaradinhas, é o elixir da vida literária, uma fonte quase inesgotável de bom paladar. Os russos são praticamente os Globetrotters da fina arte de colocar uma palavra na frente da outra até virar obra-prima. E Nikolai Gogól, que na verdade era ucraniano, mas como naquela época era tudo a mesma coisa, é fagocitado pelo dream team da literatura europeia do século 19. E essa pequena novelinha, intitulada Tarás Bulba, ilustra bem a potência da escrita desse cara. Vamos a ela.

Publicada em 1835, na época em que a Ucrânica morava na casinha de cachorro no quintal da Polônia, Tarás Bulba é um clássico folclórico-épico-powerviolence, uma dessas histórias bem fundamentadas no espírito cossaco, que é uma espécie de gaúcho mais macho e mais bêbado. E, aliás, essa é a coisa boa da literatura russa: todos os livros falam sobre a Rússia. Na dúvida sobre algum simbolismo de obra russa? Pode ter 90% de certeza de que o elemento que você está tentando decifrar simboliza a pátria-mãe de maneira geral.

Tarás Bulba é o nome do velhinho protagonista. Ele tem dois filhos, Óstap e Andrií, que regressam ao lar depois de terminar seus estudos. Ora, o Bulba é um cara das antigas, da época em que escola era coisa de grã-fino, e com medo dos filhos emboiarem, resolve pegar os dois e se alistar junto com eles nas tropas zaporogas, que eram uns cabras machos que em tempos outros lutavam e matavam, mas que então só bebiam. Ele chega acelerado. “Vamo matá uns cabras aí!”, ele teria dito, mas seus superiores só suspiraram e disseram. “Mas a gente assinou contrato de paz com meio mundo, não tem com quem brigar”. Então eles vagueiam e vagueiam até descobrir uma pinimba mínima com os judeus polone-

ses que estariam extorquindo seus irmãos de pátria, e partem pra lá com toda fúria cristã junto com uns tártaros que por acaso estavam ali de bobeira. Só que aí o Andrií conhece uma polaca ajeitada e bandeia pro lado de lá no meio de um cerco. Pronto, está armado o grande livro de guerra que vocês vão ler se tiverem algum juízo.

Bom, a primeira coisa a se considerar é que Tarás Bulba foi um dos primeiros livros a enaltecer gente de baixo, gente do povão, gente que a Regina Casé entrevista pro Fantástico. Com isso, veio também o uso de expressões populares e uma certa aura de anjo tosco para dar digamos... cor local pra essa galera. Muito xingamento, bebedeira, porradaria e um ritual de coroação de general muito do escroto, com lama na cabeça e tals. Isso tudo faz com que os cossacos sejam uma galera muito cool, e muito valentona, tipo um Leões da Fabulosa eslava.

Agora, de uma maneira geral, é possível fazer uma leitura elitista da obra também. Dá pra ver, só pela cara, que o Gogól não é exatamente um cara que veio das streets, né? Bom, daí que a história toda tem, em seu desenvolvimento, um simbolismo global, razão pela qual, inclusive, Tarás Bulba faz parte de uma série de novelas chamada Mírgorod (algo como Cidade do Mundo, e fiquei orgulhoso porque consegui traduzir essa expressão sozinho). Cabe que a mãe dos moleques fica chorando em silêncio vendo os filhos letrados saindo pra guerra por causa do pai velho. É como se toda a terra russa, numa ânsia para se ocidentalizar e, antes de tudo, vestir a coleção outono-inverno da civilização, se atrasasse toda por conta da vibe ogra e ongonorante dos cossacos, uma verdadeira pedra no sapato da civilidade, ainda que amplamente adorados por suas histórias

fantásticas de façanhas incríveis, capaz de arrastar até mesmo as novas gerações letradas e comportadas para os olhos franceses. Isso se traduz inclusive durante a primeira metade da história, quando os cossacos não acham com quem brigar e muitos pisam na bola feio com as tropas por conta das bebedeiras. Ou seja, nem pra porrada mais essa galera serve. Mas aí, da metade pro final, entra a celebração ucraniana, doa a quem doer, apesar dos pesares, grandes heróis e muito honrados sim senhor, mas ao mesmo tempo os diminui pelos vacilos constantes. Ou seja, não é nem a figura do herói nem a do completo anti-herói que temos aqui, mas o começo da decadência cossaca explorada em toda sua complexidade humana. Gogól é assim, um cara dividido entre o mundo ao qual pertence e que necessariamente é antagônico ao mundo da ogrisse, e o mundo da celebração folclórica. É tipo você gostar de Lampião pela seu banditismo por uma questão de classe, mas ficar puto quando uma moça é estuprada na sua cidade. Shame on you, aliás.

Esse livro faz parte da Coleção Leste, da editora 34, e tem tradução direta de Nivaldo dos Santos, que está para Paulo Bezerra, Rubens Figueiredo e Boris Schneiderman como Van Damme está para Stallone, Schwarzenegger e Chuck Norris. É um cara bom demais, mas subestimado ante seus pares, acredito. O sujeito trabalhou numa rádio em Moscou, galera, isso é muito tr00 pra tradutores. Pensem nisso. O livro conta com um pequeno posfácio dele, que contextualiza a obra na história, é impresso em papel pólen, fonte Sabon e uma belíssima ilustração de ninguém menos que Delacroix. Gente refinada é outra coisa.

Comentário final: 170 páginas em papel pólen. Cacete na cossacada!

ENTREVISTA

Existe poesia em Curitiba depois de Paulo Leminski? Uma das respostas mais completas é o conjunto de poemas de Adriano Smaniotto, nascido no ano da publicação do *Catatau* (1975). São cinco livros, entre a sua estréia em 1995 com *Arcanos* e o mais recente, *Vísceras à Vista*, de 2010, passando por *Sapatos Tortos* (1997), *Regra de Três* (do ano seguinte, na companhia de Fernando Koproski e David Nadalini), *Vinte Vozes de uma Mesma Veia* (outra antologia, de 1999) e *Versejar a Voz do Ser É Ser de Si Algoz*, do final do milênio. No momento, ele prepara uma nova reunião de poemas, “bastante críticos e não comportados”, enquanto vai deixando em reserva um “livro negro”, com versos “para perder amigos, mulheres, empregos e o respeito”.

Trata-se de uma poesia movida pela paixão, formalmente sofisticada, que se vale dos recursos acumulados pela tradição e pelas vanguardas do século XX, do poema em rimas ao verso livre, e que se desdobra entre os pólos do lirismo amoroso e da crítica social. Uma poesia também para ser declamada em alta voz, nos recitais e encontros literários que ganham cada vez mais espaço e atenção em Curitiba – e então se vê o poeta ocupar os palcos com desenvoltura, a eletrizar platéias, como nas terças-feiras poéticas do Wonka Bar, no Baixo São Francisco, bairro boêmio da capital. O amor às letras levou Adriano aos bancos da faculdade e a uma carreira de dedicado professor na rede pública de ensino.

Jaques Brand: *Como é o ato de criação poética pra você? Inspiração é tudo ou entra muito cálculo? Existe uma hora boa pra compor o poema?*

Respeito a vontade da poesia, se ela surge tento transformá-la em poema. Às vezes vejo uma cena, a memorizo e tento escrever sobre ela depois, nem sempre consigo. Em outras fico ouvindo demais sobre determinado tema a ponto de me irritar e compor algo. Posso também anotar a ideia e tentar escrever depois, assim como às vezes escrevo de primeira. Tento colher imagens que são poéticas: um beija-flor nos beijos que crescem no quintal, um casal que sorri complacente com o olhar, uma atitude que não tenha gostado e acredite que mereça a denúncia via poesia... Posso também reler um poema, reformulá-lo, permito-me revê-lo se entender que será em nome do aperfeiçoamento da minha poética. Mas não posso escolher a hora, sou escolhido.

Como seria correto descrever os seus campos temáticos preferidos? Você tem consciência desses campos, ou relega essa tarefa para os críticos?

Gosto de falar de amor, de dor, de poesia social. Tento não me limitar. Não tenho compromisso com ninguém, no meu próximo livro colocarei um poema sobre o Capão da Imbuia, pouco me importa se as pessoas conhecem o Capão, se elas entendem. Escrevo sobre os poemas que me inspiram e que escolho, para os quais estou desperto. Acredito num espírito messiânico da poesia, assumo-me como um contador de verdades. Acredito fielmente nesta função do poeta, meus poemas querem transformar as pessoas, criticá-las, ofendê-las, mudá-las. Se conseguirem é outra história. Portanto, o que faço é tentar reuni-los. Preparo no momento um livro sobre educação, outro sobre a natureza e um terceiro que reúne minha nova produção, cujos poemas são muito críticos e não comportados. Isso sem falar no meu livro negro, no qual tenho já 36 poemas para perder amigos, mulheres, empregos e o respeito.

Qual a importância relativa de forma e conteúdo? Essa antinomia faz sentido? Você participa da convicção poundiana de que os poetas têm a alta responsabilidade de manter viva a linguagem da tribo?

Acredito, como diz Pound, que o poeta é antena da raça, que somos contadores de verdades, que somos a antípoda cada vez mais neste mundo individualista e pautado no capital. Não consigo acreditar numa poesia de complacência, de decoro, mas tenho respeito por toda forma de poesia, porque entendo que só absorvendo a poesia nas suas diversas expressões poderei cada vez mais ampliar a minha concepção. Assim me interessa por todas as formas e todos os conteúdos, nem que seja para descartá-los. Não me submeto a nenhum, a não ser que me convenha.

Analisando em retrospecto o seu exercício poético até agora, você enxerga uma linha evolutiva, etapas, superações?

Olhando para 1995, vejo que evolui – que vim de uma poesia lírico-amorosa, marcada por certo pessimismo amoroso e certo olhar negativista, para uma poesia mais crítica, sagaz, irreverente e sarcástica. Enxergo nesta linha que achei o meu mote, minha força é o dedo na ferida alheia, a crítica, a ironia mordaz, a desilusão com o mundo e suas instituições. Mas não me privo. Comecei a preparar um livro sobre a natureza, um livro de haicais, matéria bem diversa. Assim como vejo que a desilusão amorosa, tema dos meus primeiros livros, hoje está bem afinada e no seu auge, talvez até no seu fim, se é que se deixa de sofrer por isso...

Na sua visão pessoal, quais os nomes importantes na tradição poética brasileira? O que ainda está muito vivo nesta tradição, e o que não está tanto assim? Quais os poetas, digamos, clássicos brasileiros ou estrangeiros que você mais frequenta?

Sou fã de Manuel Bandeira, Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Fernando Pessoa. Estes nunca deixarei de ler. Mas a poesia é muito vasta. Leio a poesia curitibana – Marcio Claudino, Rollo de Resende, Paulo Leminski, Thadeu, Marcos Prado, Ivan Justen, Rodrigo Madeira – assim como leio Manoel de Barros, Ferreira Gullar, Cruz e Souza, Cecília,

Adélia, é difícil dizer, se você me trazer um poeta desconhecido eu lerei, se tiver acesso. Mas não nego que tenho naqueles primeiros grandes mestres.

Como foi o seu processo de descoberta da poesia, e do poeta que você é?

Sempre gostei de ler, meu pai tinha um caderno com vários poemas de vários autores. Não sei se há relação, talvez esteja tentando reconstruir uma história... Eu comecei aos treze a escrever versos, aos quinze uma paixão não correspondida fez com que desperdesse o desejo de escrever. Então me apeguei cada vez mais, quis ser isso, quis escrever melhor, foi um misto de desejo – vontade de fazer – e certo gosto que o meio também me trouxe. Fui à Feira do Poeta com meus poemas e mostrei para o Nivaldo Lopes (“Palito”) e para o Marcos Sabóia. Eles disseram que eu tinha talento, então me apresentaram para outros poetas de minha idade – e sugeriram que criássemos um grupo, que escrevêssemos constantemente e nos mostraram muita poesia, nacional e estrangeira. Certamente nos incentivaram.

A recepção dos novos poetas, normalmente difícil em toda parte, torna-se ainda mais problemática na província. Como se apresenta essa questão pra você?

Foi na Feira do Poeta, com o Palito e o Marcos, que também conheci os poetas paranaenses que respeito, admiro e defendo. Foi ali que vi a necessidade de se defender uma poesia curitibana frente à poesia do Rio e de São Paulo, porque senti na pele com o meu grupo – o Intervenção – o que era ser marginalizado, nunca ganhar cachê, sempre ficar nas sobras das apresentações e ver o nosso povo bater palma para o que é de fora, numa subserviência burra. Assim, entendo que tive uma formação privilegiada porque não

aprendi a fazer poesia com os “queridinhos da mídia”, nem nunca tive dinheiro para publicar meus livros, sempre tive que batalhar o meu pão, vivendo ora como bordador, ora como professor, e daí tirando dinheiro pra publicar aqui, recitar acolá, para formar minha biblioteca. Daí minhas influências: amo Leminski, mas li Rollo de Resende, fomos visitá-lo três dias antes de sua morte, vitimado pela AIDS, fiz recitais nas Ruas da Cidadania, enjoei de ganhar tapas nas costas da FCC (Fundação Cultural de Curitiba), enquanto os autores de fora ganhavam as honrarias, por isso tudo isso está aquém de mim hoje. No momento, a cidade voltou a ser assim, a desrespeitar o que é local, a virar as costas para os poetas curitibanos, que aliás também mudaram. Mas sou atual, estou vivo, não para a UFPR, nem para o Cândido (impresso mensal da BPP), ou para as painéis de editoras, mas para a produção de poesia, pois sigo publicando e resistindo, além de recitar sempre que convidado. Todos os poetas paranaenses que li me são caros, porém destaco como uma grande influência meu amigo o poeta Marcio Claudino, que nem existe para a cidade e existe na certa.

Curitiba experimenta um forte surto poético. Como você vê o campo literário curitibano?

É evidente que há uma cena, que há grandes poetas. Também é evidente que não há um esforço para se perceber isso. Recentemente, um professor da UFPR apresentou três amigos dele como continuadores do Leminski (eu mereço!). Depois do Leminski há trinta poetas dignos de nota, mas, se ele admitir isso, seus amiguinhos perderão o trono. Há uma poesia feita em Curitiba bem particular, com rigor, com audácia, de várias temáticas e estilos. Mas há ao mesmo tempo um preconceito acadêmico quanto a pesquisas sobre o tema, além de um ostracismo por parte dos órgãos locais, que não aceitam nem conhecem este

tipo de poesia. A lista é grande, se você for ao Wonka nas terças verá muitos deles, mas há os que não vão lá, os que não fazem recitais, mas estão escrevendo. Todavia entre os poetas todos sabemos – procure perguntar aos poetas quem são os poetas e eles saberão. Devemos parar de perguntar de poesia para professores-doutores, homens públicos, políticos, agentes culturais – essa gente não sabe nada de poesia.

A poesia e o exercício de uma profissão – no seu caso, a de professor. Como é esta relação?

A educação é para mim uma maneira da poesia continuar a acontecer no meu dia a dia, como aconselhava Leminski. O gosto pela poesia me levou ao curso de Letras, lá despertei o gosto por ensinar. Ao dar aulas posso vez ou outra falar de poesia e, ainda, subsidiar minha biblioteca, minhas publicações e meus porres.

Seus conselhos a um/uma jovem poeta.

Leia toda a poesia que puder. Não ache que você é o primeiro, nem o último, mas queira fazer os melhores poemas do mundo.

...pimba na
gorduchinha!

defenestrando
.com

música legal e outras aventuras

Adriano Smaniotto

AS CLASSES

Quando o juiz Triplex Ecoville Hyunday
senta-se diante do promotor Batel Resort Cruzeiro
para julgar o caso da professora Piraquara Buzão
Inadimplente,
o réu Trindade Cola Carbex
sente a mesma vergonha que sentia na escola:

ele sabe
que nunca teve a última palavra
e que se agora resolver gritar que vão todos à merda
o policial COHAB CIC Sem Faculdade
virá calá-lo com sua botina
como faz com os Cabeludos Classe Média Baixa Poesia.

Então se cala pela milésima vez
e só suaviza seu olhar
a presença da jornalista Água Verde Tuiuti Peugeot 2007
que frígida e mimada
sente por cinco minutos
que a vida deve estar bastante errada
mas logo se tranqüiliza
e aceita o cafezinho
com que a servente Caiuá SUS Assembléia de Deus
sorridente vem brindar
este nobre julgamento.

Na Cidade Sorriso Postiço
Carros Pra Todo Lado
Prefeitura dos Ricos
neste lindo Paraná invisível.

POEMA PROFETICO

Homens de bem nos avisam da Criança Futura.
Sim, ela já está entre nós.

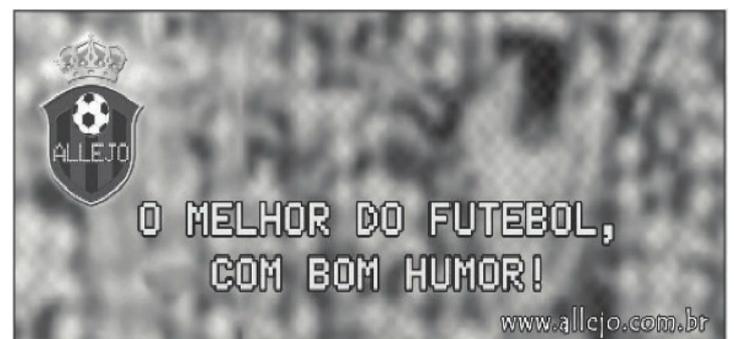
Atazana seus pais seu senso de justiça,
confunde seus professores seu gratuito saber.
Convicta de sua messe ela desfila
como se sonhasse ou relembresse.

Quando brinca, ela humaniza.
Quando advoga, ela compraz.
Não entende normas mesquinhas,
nem lhe apetece coisas triviais.

Melancólica e sozinha,
ela quer voltar às estrelas,
antes reformará as leis
por meio dos vários reis
latentes em seu semblante.

Ai de vós,
que não escutais o coro da Criança Futura,
repartido em vários risos e gritos
de tantas outras crianças.

Ela veio cumprir a profecia do Infinito:
renovar a Terra
e reinventar a Infância.



CANÇÃO PARA A MOÇA QUE VIRÁ DE LONGE

Espero-te
com cítaras e cifras
para que não seja
a fome de canto e dança
tua sina.

Procuro por lençóis alvos
onde deitarás tranqüila
teus sonhos de espuma
e teus cabelos claros.

Curo a espera
com a certeza
de que vens a passos de veludo
e de que trazes aromas de heras e cravos.

Brindo tua chegada
a cada hora triste
em que me deito solitário
convicto de que virás
compor a casa e os horários.

PARA QUEM AINDA NÃO
CONHECE A OBRA DO
ESCRITOR FELIPE BELÃO.



SEGUNDO LIVRO DO AUTOR,
OBRA QUE CONCORREU AO
JABUTI, ESTÁ EM PROMOÇÃO.

só 19,90!

Editora **Verso**

www.editorainverso.com.br

Toda Letra
CONSULTORIA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Revisão de TCC's,
Monografias,
Dissertações
e Teses

www.todalettra.com.br

[@todalettra_](https://twitter.com/todalettra)

facebook.com.br/todalettra

contato@todalettra.com.br



Daniel Osiecki

O BEIJO DE SCHILLER: CEZAR TRIDAPALLI EM VEREDAS POLIFÔNICAS



Yasmin Bomfim
Técnica: Aquarela

Superar ou manter a qualidade do primeiro livro é uma tarefa árdua e, muitas vezes, ingrata. É bastante comum entre escritores iniciantes o inverso, ou seja, renegar o primeiro livro e nunca mais reeditá-lo. Quando se publica o primeiro livro muito cedo esse é um risco ainda maior. É o caso de vários escritores, como Moacyr Scliar, Dalton Trevisan, Cristóvão Tezza, Mariel Reis e, inclusive, este narrador.

Quando a primeira obra já foi escrita com certo domínio formal e estético a situação é diferente, tanto para o autor, quanto para seus leitores. É assim em Carlos Heitor Cony com *O Ventre*, Almeida Faria (escritor português que publicou seu primeiro romance, *Rumor Branco*, aos dezenove anos, e foi muito bem aceito pela crítica), António Lobo Antunes com *Memória de Elefante* e o escritor curitibano Cezar Tridapalli com *Pequena biografia de desejos*. Seu segundo romance, *O Beijo de Schiller*, recentemente foi o vencedor do Prêmio Minas Gerais de Literatura 2013 (Arte e Letra, 272 páginas).

Tridapalli faz parte de uma prolífica geração de escritores contemporâneos que estão assumindo certa identidade literária nas narrativas mais longas, algo não muito comum em Curitiba ultimamente. Exceto Cristóvão Tezza, reconhecido nacional e internacionalmente, temos em Curitiba bons romancistas não muito conhecidos do público, como Paulo Sandrini, Rui Werneck de Capistrano e o próprio Cezar Tridapalli, cujas obras relevantes não apenas no cenário local, mas também representam a moderna narrativa brasileira.

Em *O Beijo de Schiller*, Tridapalli mistura vozes em uma trama intrincada e original, na qual há um flerte com o nonsense. Seu protagonista, Emílio Meister, é um escritor curitibano aclamado pela crítica e atravessa uma crise em seu casamento, além de ter uma péssima relação com a filha. Na volta de uma viagem a Santa Catarina, Emílio e sua esposa, Eugênia, são sequestrados por um jovem delinquente que passa a conviver com o casal em sua casa em Curitiba. À medida que o tempo vai passando, o casal passa a aceitar a presença do jovem sequestrador em seu cotidiano e desiste de tentar descobrir o motivo pelo qual o jovem os sequestrou. O sequestrador parece devolver, inconscientemente, certa noção de ordem e paz ao casal atormentado pelo cotidiano.

Paralelamente à história de Emílio Meister e de seu sequestrador, há a história de Luka, protagonista do romance que Meister está escrevendo. Luka é um jovem arquiteto de 25 anos com orientações homoafetivas extremamente tenso e ainda virgem. Luka sente-se atraído por homens e mulheres, e durante as intervenções da história de Luka na história de Meister, notam-se fortes elementos sobre o fazer literário que são muito bem explorados por Tridapalli.

Como a relação de Meister com Eugênia é extremamente conflituosa, repleta por fortes embates, acusações, desafios intelectuais e discussões, vários dos impérios que Meister dirige à Eugênia aparecem no romance que escreve. Um dos elementos mais bem ex-

plorados é exatamente a metaliteratura, que forma um painel narrativo bastante denso. A polifonia torna *O Beijo de Schiller* um romance bastante original, com encaminhamentos narrativos na medida certa, sem malabarismos estilísticos irresponsáveis. Obra de extremo valor estético escrita por um verdadeiro cultor do bom gosto, *O Beijo de Schiller* é um dos romances mais relevantes deste ano.

PRÓXIMA EDIÇÃO:

Alexandre Guarnieri
 Cilene Tanaka
 Paulo Sandrini
 Maria Carolina Moraes

UTI

Poema integrante de Mínimoabismo (Editora Patuá, 2014)

*À vó Augusta
 (1928-2014)*

pétalas de carnes defloradas e expostas
 sushi erógeno
 ginástica olímpica nas cordilheiras da alma
 uivo ecoando no precipício da psique
 lago profundo — podre placenta
 embriões pescados nos bicos das aves de rapina
 patas mamíferas de ursos castanhos
 a madrugada sob um xale de cardume de estrelas e baleias lúmen
 bicho *outsider* da manada
 meu coração: cemitério de elefantes
 chuvas lavam geografias
 tríptica catacumba
 minhas mãos pequenas e morenas
 acariciam o amor remando ao abismo
 cabelos brancos que se alongarão na cova
 gladiadores em torno de minha coroa aventada
 ressono nos braços de estátuas
 glândulas lacrimais enchendo fontes romanas
 Elba Ramalho convoca espíritos
 filhos que não tive ou que doei ao circo
 o amor gira a cabeça da insensata
 cravos rivais disputam o tesão do sol
 bexigas de trovadores armazenam
 leite úrico de rosas
 falsa primavera encenada nos palcos de
 Kubrick
 mendiga do afeto
 meus lábios já tocaram tantos lábios
 são tristes pirâmides egípcias
 orgasmos agonizam
 subterrâneos
 tornados de minha libido
 fúria em flor
 fúria em flor
la petite mort impulsionando submarinos
 um bilhete de adeus à sereia carente